EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 17 / NÚMERO 34 / AGOSTO A DEZEMBRO DE 2017



VOCÊ SOU EU - um olhar de si para enxergar o outro

Suzana Schoellkopf[1]

Resumo: Este artigo fala da relação professor-aluno no âmbito escolar e como esta relação pode intervir, tanto de maneira positiva quanto negativa, interferindo diretamente no processo de ensino aprendizagem e na construção da personalidade do aluno. Traz uma reflexão sobre a insegurança do professor que não está preparado tecnicamente e emocionalmente e, por isso, opta pela abordagem tradicional do ensino e como este comportamento reflete tanto no aluno quanto no professor. Parte-se da suposição sobre a importância de se acessar a memória afetiva, enquanto docente, ativando lembranças do tempo de discente para poder compreender melhor o seu aluno e assim vivenciar a afetividade no ambiente escolar. A metodologia utilizada para o desenvolvimento das questões abordadas é explicativa/bibliográfica. Os apontamentos de educadores e pesquisadores servem para dar suporte às questões apontadas. A partir destes apontamentos, o texto busca reforçar a importância de se buscar no contexto escolar um trabalho coletivo, no qual a interação entre o professor e o aluno resulte num processo educativo que envolva a produção de conhecimentos e a relação histórico-social-afetiva, de maneira prazerosa para ambas as partes.

Palavras- chave*:* Professor; Relação; Aluno; Memória.

[1] É graduada no Curso de Licenciatura em Dança pela UERGS. Em, 2014, Profª Ministrante do 24º Seminário Nacional de Arte e Educação. Desde 2000 é professora do Curso Básico de Dança da FUNDARTE (Fundação Municipal de Artes de Montenegro) onde permanece até a presente data. Pós-graduanda do Curso de Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar da UNINTER. Participou (a) de work-shops, congressos e seminários nacionais e internacionais na área de teatro e dança em suas vertentes, com o intuito de apreender novas técnicas e buscar a renovação de conceitos e vivências. Estas experiências foram ministradas por personalidades do meio artístico como: Nestor Monastério, José Possi Neto, Luis Alberto Abreu, Renato Ferracini, Cristine Brunnel, Márcia Milhazes, Sandro Borelli, Ivaldo Bertazzo, Gennadi Bogda, Débora Calmar , Ana Wolf, entre outros. Bailarina fundadora do grupo Terpsí Teatro de Dança – POA- RS. Com este, participou de eventos como Carlton Dance Festival (1990)- BR, 1º Porto Alegre em Buenos Aires (1996), Fiesta Nacional de La Danza (1991) – ARG, entre outros. Foi dirigida em obras de dança, teatro e cinema por nomes como Carlota Albuquerque, Dilmar Messias, Denise Barella, Ronald Raddee, Renato Falcão. Intérprete como cantora das trilhas para teatro: Cabeça- Quebra- Cabeça do Diretor Julio Conte, Peter Pan, direção de Camilo de Lélis, A Bela e a Fera, Os Saltimbancos, O Mágico de Oz, etc. Com a peça "Os Saltimbancos", conquistou em 1998 o Prêmio Tibicuera de Melhor Atriz Coadjuvante. Diretora-geral, coreógrafa e bailarina-intrérprete-criadora da Troupe Xipô- *dança teatro* desde 2008 até a presente data.

SCHOELLKOPF, Suzana. VOCÊ SOU EU - um olhar de si para enxergar o outro. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p. 181-202, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.

EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 17 / NÚMERO 34 / AGOSTO A DEZEMBRO DE 2017



YOU ARE I - a look of self to see the other

Abstract: This article discusses the teacher-student relationship in school and how this relationship can intervene, both positively and negatively, directly interfering in the process of teaching learning and in the construction of the student's personality. It brings a reflection on the insecurity of the teacher who is not prepared technically and emotionally and therefore chooses the traditional approach to teaching and how this behavior reflects both the student and the teacher. It starts from the assumption about the importance of accessing the affective memory as a teacher, activating memories of the student's time in order to understand his student better and thus to experience affectivity in the school environment. The methodology used for the development of the issues addressed is explanatory / bibliographic. The notes of educators and researchers serve to support the issues raised. From these notes, the text seeks to reinforce the importance of seeking a collective work in the school context, where the interaction between the teacher and the student results in an educational process that involves the production of knowledge and the historical-social-affective relationship of pleasurable way for both parties.

Keyword: Teacher; Relationship; Student; Memory.

INTRODUÇÃO

As reflexões que trago nesta pesquisa falam da relação entre professor e aluno e as consequências desse relacionamento no processo de ensino-aprendizagem. Sabe-se que, invariavelmente, esta questão interfere no comportamento que o aluno apresenta em sala de aula. E, também, sobre a importância de se acessar, enquanto docente, diariamente a memória afetiva, a fim de recuperar lembranças de sua própria história como estudante, para, assim, respeitar e compreender melhor os anseios e inquietudes do educando.

Desse modo, o tema a ser discorrido perpassa pela minha experiência como docente na Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS – FUNDARTE, a qual não é uma escola de ensino regular, mas oferece cursos relacionados às linguagens da arte.

Há dezessete anos atuo como professora de ballet e teoria da dança, ministrando aulas para meninos e meninas, com faixa etária, condição socioeconômica e cultural bastante diversificadas, isto é, pessoas com histórias



de vida as mais variadas, mas com um propósito em comum: o gosto por querer aprender, neste caso específico, a dança.

No entanto, durante todos estes anos de docência, o que chama minha atenção no comportamento desses alunos é o medo, o receio que eles têm de se posicionarem diante dos questionamentos e dos assuntos abordados, seja na aula prática, seja na aula teórica. Essa reação está atrelada, sem dúvida, ao modelo de ensino que ainda vigora na conduta de muitos professores, isto é: o professor como detentor de todo o conhecimento e o aluno como tábula rasa, simplesmente um receptor.

O mote deste trabalho é evidenciar a responsabilidade que a prática docente requer perante o aluno, influenciando no seu desenvolvimento pessoal cognitivo – social – afetivo. O reconhecimento do aluno como ser social e colaborador deste processo, por meio de suas vivências.

Fui instigada a refletir sobre estas questões a partir do estudo da disciplina “Relação Professor – Aluno – Conhecimento (114089) UTA B 2017 – Fase I”, pertencente ao curso de pós-graduação latu sensu: Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar – Distância da UNINTER – Centro Universitário Internacional e, para aprofundar essa contextualização, bebo na fonte dos saberes de Paulo Freire (1996) em seu livro “Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa”.

A disciplina “Relação Professor – Aluno – Conhecimento” subsidia a pesquisa nas questões que tratam sobre as bases da educação tradicional, as críticas sobre essas abordagens na educação e o professor como agente transformador do processo educativo. Já em Paulo Freire, o intuito está na abordagem sobre o exercício da prática pedagógica educativo-crítica para um mundo de pessoas mais felizes, autônomas e autocríticas.

Como professora na área das artes, procuro, através do ensino da dança, tanto na prática quanto na teoria, oferecer ao aluno desafios para que



ele possa unir a metodologia às suas próprias vivências lançando um olhar observador, crítico e afetivo para si e para com o outro.

Diante da minha inquietação ao ouvir relatos de alguns de meus alunos e de meu filho sobre a dificuldade para aprender os conteúdos de determinadas matérias ministradas no ensino formal, considero que o fator destacado nas falas teve como principal causa a falta de entrosamento com o professor. Muitos desses relatos evidenciam a vontade do aluno para a inversão dos papéis, cujo intuito não é o de procurar o entendimento neste relacionamento, mas sim o de ter a oportunidade para vingar-se do professor. Fazer com que ele sofra, tal qual, as mesmas injúrias.

Por isso, assim como nos coloca BRUNO (2017, p 4,5),

> [...] um mergulho nos fatos históricos é valioso quando, fazendo-nos enxergar o passado, faz com que percebamos, ainda hoje, a presença de alguns elementos de outrora. A história nos mostra que o novo não nasce do nada, mas que carrega consigo os elementos do passado. A escola que temos hoje, então, com novos modelos de professor e de aluno, nasceu de relações extremamente autoritárias, estabelecidas sem qualquer conhecimento pedagógico sobre o ensino e a aprendizagem.

Levando em consideração esta colocação, destaco a importância do professor pesquisador, que busca o aprendizado, não somente na sua área de atuação disciplinar, mas que procura diferentes formas para disseminar os conteúdos que despertem no aluno o desejo de querer saber sempre mais.

Acredito que o professor, como um profissional da educação que é, tem que atuar de modo produtivo e criativo, criando um espaço para a sintonia de vontades e sentimentos, sendo sujeito da busca pelo conhecimento, visando ao seu crescimento pessoal e exemplificando através de si as atitudes que espera de seus alunos.



Vale destacar que não importa a formação profissional de um pedagogo se este não souber da sua missão e a dimensão que este compromisso acarreta. O que nos lembra FREIRE (1996, p.43) em sua fala:

> [...] por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.

O MÉTODO ENRAIZADO

Segundo CASTANHA (2012, p. 2), em seu artigo “A Introdução do Método Lancaster No Brasil: História e Historiografia”:

> [...] o sistema monitorial ou método Lancaster, como ficou mais conhecido no Brasil, foi desenvolvido na Inglaterra, no final do século XVIII e início do século XIX, momento em que a Inglaterra passava por uma fase de intensa urbanização, devido ao processo acelerado de industrialização. Seus criadores foram Andrew Bell e Joseph Lancaster. De acordo com a proposta, o professor ensinava a lição a um “grupo de meninos mais amadurecidos e inteligentes”. Os alunos eram divididos em pequenos grupos, os quais recebiam a “lição através daqueles a quem o mestre havia ensinado”. Assim um professor poderia “instruir muitas centenas de crianças” (EBY, 1978, p. 325). Segundo Manacorda, no sistema lancasteriano cada grupo de alunos formava uma classe ou círculo, onde cada um tinha um lugar definido pelo nível do seu saber. À medida que o aluno ia progredindo, mudava seu posicionamento na classe ou círculo. O sistema era rígido, controlado por uma disciplina severa. (2004, p. 256-261).



É inegável reconhecer que este método para a educação foi produzido e baseado nas “necessidades”, comportamento e na forma de pensar da época. No entanto, o que se percebe é que ainda há muitos resquícios desta conduta no professor para com seus alunos, guardadas suas devidas proporções, no que se refere à maneira como se manifesta. Não está tão explicitada quanto as regras do método Lancaster, tais como:

> [...] a criança que lê pior dá o seu lugar àquela que lê melhor […]. Também se pode amarrar um pedaço de madeira entre as suas pernas e obrigá-la a dar a volta na classe. Às vezes até se põem os delinquentes em uma grande cesta ou saco, que fica suspenso ao teto da escola, para que todos vejam. As crianças preguiçosas podem ser postas num berço e balançadas por um colega (BALLY *apud* TARDIF; CLERMONT, 2010, p. 184).

Travestidas de contemporaneidade e do olhar sociocultural, as práticas de persuasão e as injustiças cometidas pelos docentes infelizmente acontecem com frequência.

Quando a turma está inquieta, por exemplo, um dos castigos muitas vezes aplicado é o de “tirar o recreio”. Isto é, das quatro horas em que o aluno permanece sentado, recebendo e tentando assimilar informações, as mais variadas, os únicos vinte minutos de intervalo, quando ele poderia desopilar através de conversas com os amigos, brincadeiras, ir ao banheiro, lanchar, etc., para assim retornar para a sala de aula mais relaxado, lhes são negados.

Também as crianças que aprendem mais facilmente, ou que têm afinidade com o professor, estão sempre com os papéis de destaque nas festinhas da escola, enquanto as ditas “preguiçosas, bagunceiras e atrasadas” ou não são convidadas a participar, ou ficam como pano de fundo ou, ainda, acabam por se recusar a fazer parte da tarefa visto que percebem que sua presença não fará falta ao professor. Muitas vezes o aluno é humilhado na



frente de todos por não ter entregue um trabalho, sem ao menos o professor ter antes investigado o motivo.

Este tipo de atitude por vezes acontece, porque a ideia de que o professor é provedor de todos os saberes e que o aluno é o receptor e reprodutor destes conhecimentos ainda procede, em muitos casos, como uma verdade. E, quando os resultados pretendidos fogem ao controle, a atitude autoritária serve como freio inibitório.

Esta forma arbitrária na maneira de tratar o aluno faz com que ele não se reconheça como parte integrante do processo.

Para estas ocasiões é necessário, sem dúvida, o exercício do bom senso, assim como diz Freire (1996),

> [...] de nada serve, a não ser para irritar o educando e desmoralizar o discurso hipócrita do educador, falar em democracia e liberdade mas impor ao educando a vontade arrogante do mestre. [...] O exercício ou a educação do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos. Se o bom senso, na avalição moral que faço de algo, não basta para orientar ou fundar minhas táticas de luta, tem indiscutivelmente, importante papel na minha tomada de posição, a que não pode faltar a ética, em face do que devo fazer.(FREIRE, 1996, p.69).

Nesta colocação de Freire está claro que as atitudes do professor perante o aluno devem condizer com a sua fala.

De nada adianta, por exemplo, estar disposto no plano político-pedagógico, nas diretrizes da escola, uma ideologia concebida sobre uma educação libertadora, na qual, num de seus princípios, está a capacidade de despertar o aluno para o exercício da reflexão, se a realidade não condiz.

Isto é, se na prática estas atitudes não se aplicam, o discurso passa a ser um engodo, distorcendo valores éticos e morais. E o aluno continuará neste



processo doentio de aprender por aprender, desvalorizando a instituição de ensino, o professor e a si mesmo. E, o que é ainda pior, desta forma torna-se um sujeito desprovido de posicionamento político, sem argumentos de bases sólidas e, consequentemente, sem atitude.

Quer dizer, quando o professor, que deve ser exemplo de atitudes que levem o aluno à conscientização sobre seus atos, de maneira madura e esclarecedora, se esvai, desviam-se os caminhos. A conduta, que deve ser de harmonia e colaboração, torna-se arena para combates em que seguramente nenhuma das partes sairá vencedora.

Esta questão torna-se recorrente na medida em que o professor, mesmo munido do conhecimento a respeito de sua disciplina, não consegue atrair o aluno para compartilhar estas informações. Avesso a um trabalho de parceria, formam-se trincheiras.

O professor exerce um papel muito poderoso perante os alunos, ele é o mestre, aquele em quem é depositado confiança, admiração. O aluno o vê como alguém em quem ele pode confiar.

Ainda, quando se refere ao bom senso como forma de discernimento perante os episódios que acontecem no âmbito escolar, ressalta a importância da ética como ponto e princípio que motivam este sentimento.

Muitas vezes há uma linha tênue entre o ser justo ou injusto diante de fatos. Por isso, colocar-se no lugar do outro facilitará o entendimento sobre os acontecimentos e aí poder-se-á, por meio do bom senso, procurar solucionar o problema.

Nos cursos de licenciatura são enfatizadas as teorias mais modernas de ensino e aprendizagem, porém, muitos professores acabam repetindo o comportamento de seus antigos professores. Este comportamento irá perpetuar-se, influenciando a maneira de como as pessoas que absorvem esta cultura irão se relacionar com o mundo. [...] muitas coisas importantes na vida



se aprende quase inconscientemente, por imitação de modelos (aprende-se a ser homem; aprende-se a ser mulher; aprende-se até mesmo ser professor...; [...] (MORALES, 1998, p. 22)

Portanto, é crucial para o educador não esquecer de que outrora ele foi aluno de alguém. Certamente, fazia suas peraltices, tinha muitas dúvidas, dificuldades, facilidades também e criava expectativas quanto ao professor. Queria sua atenção, queria ser respeitado, compreendido. Despertar em sua memória afetiva todas estas questões e colocar-se, agora, no lugar de seu aluno é fundamental para a construção de uma relação de respeito e afetividade.

Como nos coloca Freire (1996),

> [...] Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo.
> [...] O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia, o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites a liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência.(FREIRE, 1996, p.66).

Pensando que uma criança começa a frequentar o ambiente escolar a partir dos 4 anos de idade, torna-se impossível eximir os professores da responsabilidade quanto à contribuição na formação do carácter dessas pessoas.

Segundo o que consta em BRUEL (2012, p. 107),

> [...] EC nº 59/2009, em 11 de novembro de 2009, [...] do inciso I do art. 208 da CF e do inciso I do art. 4º da LDBEN - [...]. Assim, há uma ampliação real do conceito da obrigatoriedade



> de ensino, que passa a abranger as três etapas da educação básica, mas não em sua totalidade, na medida em que a definição de faixa etária restringe a obrigatoriedade a crianças e jovens dos 4 aos 17 anos. Desse modo, a obrigatoriedade se inicia na etapa da pré-escola da educação infantil e atinge o ensino médio, desde que o estudante esteja na idade prevista pela legislação.

Este tempo na companhia do professor vai obrigatoriamente da infância até a adolescência. Fases estas que perpassam pelo desenvolvimento da personalidade, envolvendo uma série de conflitos como insegurança, medo, relacionamento, baixa autoestima, sexualidade, dificuldades de aprendizagem, etc.

Para ser professor é preciso bom senso, reinventar-se diariamente, criar um ambiente em que a sala de aula, mais do que um espaço arquitetônico, seja um lugar de convivência, que possibilite ao aluno, paulatinamente, edificar seus conhecimentos num trabalho conjunto, através do respeito consigo mesmo, com os colegas e com o professor.

Para MORALES

> [...] o professor pode ensinar mais *com o que é* do que com aquilo que pretende ensinar; seu modo de fazer as coisas implica *mensagens implícitas* de efeito que podem ser positivos ou negativos; aceitam ou recusam suas atitudes e seus valores, reforça-se o interesse ou desinteresse pelo aprendido (pode-se aprender a *odiar* a matéria).(MORALES, 1998,p.25).

O que acontece com muita constância é o fato de que o aluno confunde a dificuldade em aprender a matéria com a dificuldade em dialogar com o professor. Sem dúvida o aluno projeta no professor mais do que um sujeito que somente difunde conhecimentos científicos, mas também o vê como um tutor, aquele com o qual ele possa se sentir seguro, amparado.

O professor que busca interagir e identifica-se com as questões afetivas do aluno facilita o relacionamento, afetando positivamente o seu



desenvolvimento e, por consequência, estará melhor preparado e se sentirá mais valorizado em sua profissão, pois o sucesso do aluno também é sucesso para o professor.

RESPEITAR PARA PODER EDUCAR

É claro, sabe-se que ser professor não é tarefa fácil. Ter que transmitir, provocar a assimilação e o entendimento de um mesmo conteúdo para um número expressivo de alunos (em média 30 alunos em uma sala de aula) por vezes, tão heterogêneo, cada um com sua especificidade, sua história de vida. Saber a forma e a hora de agir ante os conflitos que surgem com ou entre os alunos, saber qual é o limite e como intervir. Tudo isso requer, sem dúvida, muita flexibilidade.

Muito mais do que boa vontade, é preciso estar preparado didaticamente, tendo segurança e propriedade na explanação dos conteúdos, generosidade para perceber qual é o seu público-alvo, facilitando a interação entre as partes.

MORALES (1998) traz uma contribuição para melhor compreensão sobre a relação professor-aluno, desmistificando a figura do professor como protagonista e o aluno como antagonista nesse processo, quando diz que

> [...] o modo como se dá nossa relação com os alunos pode e deve incidir positivamente tanto no aprendizado deles, e não só das matérias que damos, como em nossa própria satisfação pessoal e profissional, [...] Precisamente por se tratar de uma tarefa profissional, não podemos deixar de lado um aspecto que diz respeito diretamente à eficácia do que fazemos. (MORALES, 1998, p. 10).

Ora, para que haja sucesso, por exemplo, em uma transação de negócios e para que esta se concretize, é preciso haver interesse mútuo,



dedicação, colaboração, respeito, honestidade e a satisfação das partes envolvidas. Isto é, ser profissional implica relacionar-se.

Para o profissional da educação não deve ser diferente, pois o professor precisa do aluno para exercer sua profissão e o aluno do professor para auxiliá-lo em sua caminhada rumo à vida adulta. O professor, instigando o aluno, aguçando sua curiosidade, fornece ferramentas necessárias para o seu crescimento intelectual e moral ao mesmo tempo que, ao experienciar momentos de troca, de reflexão, de discussões com o discente, embasa suas convicções e questiona seus saberes para que sejam aprimorados.

"O clima de respeito que nasce de relações justas, sérias, humildes, generosas, em que a autoridade docente e as liberdades dos alunos se assumem eticamente, autentica o caráter formador do espaço pedagógico". (FREIRE, p. 103 – 1999).

A humildade é o primeiro passo nesta caminhada. Ter humildade é ter consciência de suas próprias limitações, é saber escutar-se, colocar-se em dúvida, questionar, lembrar. Perceber esta fragilidade diante de tantas inquietudes reforça a autoconfiança e surge a compreensão sobre as necessidades do outro.

Ativar a memória afetiva é uma ótima abertura para desencadear esse processo. Ao lembrar da sua história como discente, o professor certamente irá reconhecer o aluno como um colaborador. Agindo desta maneira, o professor consequentemente será também reconhecido positivamente pelo aluno e irá se sentir mais confiante na sua prática docente, estando motivado para demonstrar afetividade.

Dentro das considerações de Freire (1996) sobre a questão da afetividade, o autor defende que

> [...] é preciso, por outro lado, reinsistir em que não se pense que a prática educativa vivida com afetividade e alegria,



> prescinda da formação científica séria e da clareza política dos educadores ou educadoras. A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança [...].(FREIRE, 1996, p.161)

Portanto, o educador que entende o seu compromisso perante a formação de uma sociedade mais culta e justa há de considerar o aluno como um ser ativo e participante no seu processo de construção de conhecimentos.

Através do reconhecimento, acontecem as afinidades e, por conseguinte, uma relação de parceria, tornando a escola um ambiente saudável, onde as dificuldades podem ser compartilhadas para juntos procurarem a melhor solução.

É importante um diálogo sincero em que o professor também se coloca como um aprendiz, visando melhorar sua percepção sobre o assunto abordado. Quando bota à disposição do aluno o privilégio da dúvida. Lança os questionamentos como estopim da curiosidade e, consequentemente, a pesquisa.

De acordo com Freire (1996),

> [...] como professor não devo poupar oportunidade para testemunhar aos alunos a segurança com que me comporto ao discutir um tema, ao analisar um fato, ao expor minha posição em face a uma decisão governamental. Minha segurança não repousa na falsa suposição de que sei tudo, de que sou “o maior”. Minha segurança se funda na convicção de que sei algo e de que ignoro algo a que se junta a certeza de que posso saber melhor o que já sei e conhecer o que ainda não sei. Minha segurança se alicerça no saber confirmado pela própria experiência de que, se minha inconclusão, de que sou consciente, atesta, de um lado, minha ignorância, me abre, de outro, o caminho para conhecer (FREIRE, 1996, p. 152, 153).



A “invulnerabilidade docente”, uma invenção das teorias que regem a educação tradicional, não deveria, por certo, causar estranheza, porém nem sempre é o que acontece.

O reconhecimento do professor diante de suas fragilidades como ser humano, passível da dúvida e do erro, pode soar, para o aluno que não está acostumado a um relacionamento de afeto e diálogo entre as partes, como insegurança.

Acostumados a receber passivamente os conteúdos, num primeiro momento pode causar espanto aos alunos, muitas vezes soando como precariedade dos saberes do professor, diante da classe.

Estas mudanças sobre a forma de agir e de ver a educação no ambiente escolar precisam ser muito bem estruturadas, pois o estranhamento pode causar repulsa e abrir possibilidade à negação.

É preciso perspicácia, paciência e um bem-querer, respeitando as diferenças, para conseguir quebrar estas barreiras entre os relacionamentos, muitos dos quais ainda estão incrustados de insegurança e medos.

Toda essa complexidade faz parte do ser humano e é o que o torna sempre e novamente interessante. Desestabiliza, desacomoda, desafia e faz com que sejamos curiosos na procura incessante por esclarecer, entender e desvelar a nós mesmos.

Estar aberto a todas essas reações é demonstração de compaixão, maturidade e humildade, qualidades estas que, repassadas de geração em geração, irão surtir efeitos benéficos em todas as esferas sociais.

BRUNO (2017) reforça esta questão quando diz que

> [...] entender o processo educativo ao longo da história, com olhares críticos e postura de pesquisador, é fundamental para qualquer professor que pretenda agir de maneira contextualizada e transformadora. O professor que toma para si o papel de transformador, de **mediador** do conhecimento, é



> aquele que ajuda seu aluno a olhar, descobrir e conhecer o mundo (BRUNO, 2017, p. 10,11).

Por certo que o aluno que tem a felicidade de vivenciar a sua trajetória estudantil numa escola onde os professores primam pela educação, que valorizam o respeito mútuo, estimulam a busca pelo conhecimento e o desenvolvimento da criticidade, certamente irá tornar-se um ser humano mais autoconfiante e sensível.

Tendo impresso em sua memória o tratamento recebido enquanto educando, irá por certo reproduzi-lo em outras ocasiões, pois a escola, subsequentemente à família, é também alicerce de suas verdades. Porventura, muitas vezes, pedra fundamental.

O relacionamento saudável dentro do contexto escolar contribui substancialmente no contexto familiar. A ordem dos fatores se mescla, trazendo a família para o convívio junto à escola, expandindo-se o conhecimento e o trato social.

Em seu poema, Cora Coralina (2017) fortalece a condição de sociedade através de uma linguagem figurada sobre tudo aquilo que nos torna o que somos: um pouco de tudo, um pouco de todos, um pouco de nós.

> Sou feita de retalhos.
> Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma.
> Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem sou.
> Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior...
> Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade...
> Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa.



METODOLOGIA

Inspirada enquanto professora/observadora de minhas atividades como docente na área da dança, fui movida pelo interesse em discutir a relação professor- aluno partindo do olhar do professor para si na busca do olhar para com o aluno.

A natureza desta pesquisa é explicativa/bibliográfica no sentido em que o assunto explorado decorreu da minha vivência como educadora na FUNDARTE – Fundação Municipal de Artes de Montenegro/RS e como aluna do curso de pós-graduação latu sensu: Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar – Distância da UNINTER. As questões trazidas aqui são decorrentes, principalmente, das observações de insegurança e de medo dos meus alunos, quando são provocados diante dos questionamentos trabalhados em aula, e dos relatos de meu filho, que ainda frequenta o ensino fundamental, quando conversamos informalmente sobre a dificuldade de assimilação das matérias no ensino formal, ampliada principalmente pela falta de entrosamento com o professor.

Dessa forma, foi através da disciplina “Relação Professor-Aluno-Conhecimento” que se deu a opção por tornar referencial o comportamento de meus próprios alunos.

Meu intuito foi o de buscar exemplificar através da pesquisa bibliográfica o meu entendimento e minha crença na possibilidade de uma educação de qualidade, embasada pelo sentimento de respeito, pela sabedoria, pelo discernimento, pelo exercício da crítica e da autocrítica e pelo amor.

Em primeira instância, busquei como referencial para esta pesquisa o conteúdo estudado na disciplina: Relação Professor – Aluno – Conhecimento.

Em Paulo Freire, no seu livro: “PEDAGOGIA DA AUTONOMIA: Saberes Necessários à Prática Educativa” encontrei, além de uma visão sobre o



assunto que contemplava minhas expectativas, também a forma da escrita em que o autor exprime com clareza suas ideais, experiências e ideologias.

A investigação deu-se, além destes, em outros autores, no intuito de enriquecer e contemplar de forma mais relevante as questões apontadas.

A leitura dos diferentes textos convergiram para realçar a importância da pesquisa para e no trabalho. Acredito que buscar as ferramentas necessárias para a construção de conceitos e para o entendimento de nossas ações, observações, questionamentos é aliar o discurso à prática e promover o "desenvolvimento da autonomia intelectual, da consciência crítica". (DEMO, 2003, p.86). Pesquisar é saber que não se está só. Encontrar na fala de outras pessoas a possibilidade de descobrir um mundo diferente, respostas para as dúvidas e questionamentos para um "seguir repensando".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a minha atuação como docente acontece dentro do âmbito artístico, mais especificamente a dança, e sendo a arte vista como um agente transformador, minha dificuldade em compreender o comportamento "encaixotado" de meus alunos, jovens em tenra idade e tão cheios de vida, levou-me ao questionamento: como despertar o interesse e a curiosidade diante dos assuntos abordados em aula, que nada mais são do que temas que envolvem justamente aquilo que estão buscando ao escolherem a arte como forma de expressão?

Pois foi o comportamento tímido, introspectivo e a dificuldade dos alunos para se posicionarem como seres atuantes no processo de ensino aprendizagem que fomentou a vontade de querer compreender melhor esta conduta.



Pesquisar a relação professor-aluno, procurando entender este comportamento oprimido, sufocado, que parece estar fora do contexto, pois estar inserido ao ambiente escolar deve ser uma oportunidade para a sociabilização. Um lugar favorável para aquisição de novos saberes, para desenvolver o pensamento crítico e autocrítico, enfim, um ambiente de troca onde o respeito às vivências de cada um possa acrescentar para o desenvolvimento do outro.

É fato que embora existam muitos estudos e pesquisas sobre teorias mais modernas sobre o ensino aprendizagem, muitos professores seguem estagnados no que condiz a sua conduta como educador. O receio da aproximação com o aluno está no medo de perder o "respeito", mais precisamente o controle. O castigo e a repreensão, em muitos casos, ainda seguem nesta cadeia hierárquica desmedida.

A não mudança no comportamento do docente gera uma falsa segurança. O resultado esperado, sobre o progresso de seus alunos, acaba por ficar muito abaixo das expectativas, ocasionando muito mais trabalho e frustrações para ambas as partes.

Morales, a respeito da relação entre professor aluno, diz que o modo como se dá esta relação pode e deve incidir positivamente, tanto no aprendizado do aluno quanto na satisfação pessoal e profissional do professor.

Olhar para o aluno com o olhar para si requer autoconhecimento e humildade.

Certamente é um exercício diário, pois esta tarefa está cheia de enigmas e inquietações, haja vista que cada aluno traz em si uma bagagem de uma vida diferente da sua. Acionar a sua memória afetiva certamente facilitará o reconhecimento de alguns comportamentos e atitudes de seus alunos e proporcionará o entendimento para as questões cognitivas e afetivas.



O professor, como um profissional da educação, deve também estar amparado didaticamente, pois o aluno precisa se sentir seguro quanto aos conteúdos e conhecimentos que lhes são ofertados. Esta é, sem dúvida, uma demonstração de respeito para com o discente e para com a sua profissão.

Trabalhar como um agente da educação, contribuindo para a formação do cidadão, é também uma demonstração de amor. Educar requer habilidade, qualidade, capacidade para absorver o novo e dialogar para desencadear o exercício da reflexão.

A questão da educação como um todo não deve estar focada somente na escola. Atribuir e culpar o professor por tudo o que acontece no mundo é com certeza um grande engano, uma irresponsabilidade.

A estrutura precária de muitas famílias, ocasionada tanto pelos problemas financeiros quanto pelos que se referem a valores morais e de educação, reflete diretamente no comportamento do aluno em sala de aula e no ambiente escolar.

O caminho para modificar as atitudes ocasionadas pelo sistema instaurado, em que as famílias acabam por transferir a responsabilidade da educação de seus filhos para o professor, é procurar trazer estas famílias para dentro da escola.

Embaídos pela correria do dia a dia, pela falta de esclarecimento, o desrespeito exemplificado pelos nossos governantes, pela ignorância daqueles que dizem que tudo sabem, a falta de dinheiro, a confusão moral: isto dá preguiça, desanima, “deixa-se rolar”.

Seguramente, atrair e conscientizar estas famílias é uma empreitada e requer estratégia e insistência. Não podemos esquecer que muitos dos membros destas famílias, que nos parecem resistentes e desinteressados a participar deste processo, muitas vezes são frutos de uma educação retrógrada que os tornou passivos para com este envolvimento.



Logo nos primeiros anos em que a criança é inserida no contexto escolar, a família já deve ser solicitada a participar ativamente, sendo esclarecida sobre a sua importância como alicerce, como estrutura de embasamento para o desenvolvimento de seu filho.

Para incorporar esse pensamento é importante elucidar, solicitar e valorizar qualquer ação de demonstração de interesse ocasionada por um familiar de aluno. Esta atitude irá com certeza proliferar e estimular que outros pais ou responsáveis pelo aluno sigam o exemplo.

Os caminhos para a educação não obedecem necessariamente a uma ordem cronológica, assim como exprimem alguns ditos populares e que, por vezes, tornam-se regra do sistema social em que vivemos. Diz-se que: “A família é quem educa e a escola é quem ensina”.

Se concordarmos com esta opinião, colocamos “por água abaixo” tudo aquilo que nos é mais caro: a comunhão entre a família e a escola em prol de uma sociedade mais altruísta. Por isso, assentar ideias e atitudes tendo como base olhares preconceituosos que solucionam tudo através de ditados populares e de experiências que não são as suas, não deve ser obviamente o caminho a ser trilhado.

Sem dúvida que em qualquer relacionamento há a necessidade de regras a serem seguidas. Códigos que servem para orientar e facilitar o entendimento e devem ter como alicerce de sua estrutura, acima de tudo, o respeito ao outro. A coerência como motivação para mudanças necessárias e para a compreensão de que existem, sim, caminhos diferentes para solucionar questões que se assemelham.

Partir de pressupostos que fracionam pensamentos e ações não é pontuar, é sem dúvida retroceder.

A escola deve receber e acolher as crianças e adolescentes não como um número, uma estatística, mas como indivíduos únicos, como seres



interativos e participantes do seu processo de construção de novos saberes. Gerar no aluno e no professor a vontade de querer tirar melhor proveito desta convivência para edificar uma aprendizagem significativa.

Demonstrar afetividade é importar-se, é respeitar, é oportunizar, é ouvir, é questionar, é iluminar o caminho para transformar. É a chance que se dá e que se tem para desencadear novos olhares para a percepção de melhores atitudes e comportamentos.

Importante lembrar que as ocasiões do cotidiano de cada um de nós se entrelaçam em nossa efêmera permanência neste planeta. Enxergar-se através do outro é valorizar a nossa própria existência.

Referências:

BRUEL, Ana Lorena de Oliveira. *Políticas e legislação da educação básica no Brasil.* - Curitiba: InterSaberes, 2012.

BRUNO, Cristina Rolim Chyczy. *Relação Professor- aluno- conhecimento e as tendências pedagógicas.* Matéria lecionada na disciplina: Relação Professor-Aluno- Conhecimento (114089) UTA B 2017 – Fase I, do curso de pós-graduação latu sensu: Orientação Educacional, Supervisão e Gestão Escolar – Distância da UNINTER – Centro Universitário Internacional.

CASTANHA, André Paulo. A Introdução do Método Lancaster no Brasil: História e Historiografia. Artigo apresentado no: IX ANPED SUL – Seminário em Educação da Região Sul, 2012. UNIOESTE. Disponível em http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1257/12/. Acessado em 18/08/17.

CLERMONT, Gauthier; TARDIF, Maurice. *A pedagogia: teorias e práticas da antiguidade aos nossos dias.* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

CORALINA, Cora. Poema. Disponível em https://www.norteandovoce.com.br/cachos-de-ideias/importancia-da-memoria-afetiva/. Acessado em 18/08/17.



DEMO, Pedro. *Educar pela pesquisa*. 6 ed. – Campinas: Autores Associados, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura)

MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: o que é, como se faz.* – São Paulo: Edições Loyola, 1999.

SCHOELLKOPF, Suzana. VOCÊ SOU EU - um olhar de si para enxergar o outro. *Revista da FUNDARTE*, Montenegro, p.181-202, ano 17, nº 34, agosto/dezembro. Disponível em: http://.seer.fundarte.rs.dov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>. 20 de dezembro de 2017.